

CONSTRUÇÃO DO APEGO MÃE - BEBÊ E A CONTRIBUIÇÃO DA ENFERMAGEM.

CONSTRUCTION OF MOTHER - BABY ADDICTION AND THE CONTRIBUTION OF NURSING.

¹SOUZA, A.T. ;²MILLANI, H.F.B.

¹ ²Curso de Enfermagem-Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO-FEMM

RESUMO

Este estudo traz a importância do vínculo afetivo mãe-filho, visto que a vida do ser humano compõe-se de sentimentos diversos, sendo o afeto um deles, que inicia na vida intra-uterina. Temos a intenção de explorar o vínculo entre mãe-bebê assim como compreender como acontece esta etapa de grandes transformações na vida da mulher e como nós enfermeiros podemos contribuir para a formação de um vínculo efetivamente seguro. Sabe-se que a influência do afeto no desenvolvimento das pessoas desde a formação intra-uterina é preponderante para o crescimento sadio e uma vida saudável. Para tanto o trabalho será pautado na teoria de Bowlby.

Palavras chaves: Apego. Mãe-bebê. Enfermagem

ABSTRACT

This study shows the importance of the affective bond between mother and child, since the life of the human being is composed of different feelings, affection being one of them, which begins in intrauterine life. We intend to explore the bond between mother and baby as well as understand how this stage of major transformations in the life of women happens and how we nurses can contribute to the formation of an effectively safe bond. It is known that the influence of affection on the development of people since the intrauterine formation is preponderant for healthy growth and a healthy life. For both the work will be based on Bowlby's theory.

Keywords: Attachment. Mother-baby. Nursing

INTRODUÇÃO

Este estudo traz a importância do vínculo afetivo mãe-filho, visto que a vida do ser humano compõe-se de sentimentos diversos, sendo o afeto um deles, que inicia na vida intra-uterina. Temos a intenção de explorar o vínculo entre mãe-bebê assim como compreender como acontece esta etapa de grandes transformações na vida da mulher e como nós enfermeiros podemos contribuir para a formação de um vínculo efetivamente seguro.

Sabe-se que a influência do afeto no desenvolvimento das pessoas desde a formação intra-uterina é preponderante para o crescimento sadio e uma vida saudável. Pode-se considerar os autores Roecker et al. (2012), quando descrevem que no início da vida da criança todo cuidado dispensado à ela será responsável para sua qualidade de vida, de maneira integral, em seus aspectos físicos, psicológicos,

sociais; remetendo que uma boa relação afetiva contribuirá para formação de um ser afetivamente seguro.

Por constituir um estado de intensa subjetividade, a relação de apego precisa ser compreendida e vivenciada de forma saudável, o que cabe uma preparação das futuras mães, desde a concepção, no decorrer do desenvolvimento intra-uterino e após o nascimento, para que tenha-se pessoas psicologicamente saudáveis, o que às vezes pode não ocorrer por despreparo durante a gestação.

A gestação é um episódio de grandes mudanças, de sensações intensificadas; de acordo com Borsa (2007) os sentimentos presentes evidenciam experiências passadas, os vínculos com os próprios pais e esse conjunto está diretamente ligado com a adaptação à nova fase. Portanto, há grande necessidade de apoio à mulher, da transmissão de segurança, pois assim ela propiciará um ambiente seguro também ao bebê.

Ao iniciar estudos sobre o apego formado na relação mãe-bebê os cuidadores estabelecem a função primordial de proteção, fator que pode ser tanto seguro quanto inseguro, isso dependerá da forma de responsividade aos estímulos apresentados, conforme Ribas et al. (2004): “A teoria do apego considera que a qualidade das relações de apego (Ex.: seguro ou inseguro) depende das interações entre a díade mãe-criança.”

Entende-se que o feto na vida intra-uterina estabelece a mais estreita relação de apego da existência humana, se apropria dos nutrientes que o mantém vivo, que o faz crescer e desenvolver para a vida e ao nascer se dá continuidade do contato de corpos, com diferente intensidade. O cuidado, o choro, a amamentação, a atenção à todas necessidades básicas propicia o fortalecimento deste vínculo com segurança e afeto de forma muito positiva.

Torna-se evidente o quanto é valioso o contato provido do bebê e sua mãe como figura principal geradora de cuidados, por meio das trocas de olhares, da amamentação, do contato de corpos, sendo formas de comunicação afetiva; Seidl de Moura et al.(2004) designam estes meios como favorecedores do afeto e da formação da interação entre ambos.

METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma revisão bibliográfica analítica. Optou-se por usar como fonte de análise, artigos científicos indexados nas plataformas virtuais GOOGLE e SCIELO. Para a busca dos artigos, foram utilizados os unitermos: Teoria do Apego; Relação mãe-bebê e Vínculo afetivo. Os artigos foram escolhidos mediante a leitura dos respectivos resumos, em seguida seus conteúdos foram analisados através da leitura integral de cada um. Finalmente, foram utilizados na elaboração deste estudo, um total de 21 artigos científicos recentes publicados na língua portuguesa.

DESENVOLVIMENTO

É importante neste momento resgatar a Teoria de Bowlby que trata-se da relação da mãe com seu bebê ,de forma sistemática aprofundando na formação de vínculo. Na década de 60 John Bowlby criou uma teoria que se embasava na explicação do funcionamento da vinculação afetiva com o meio fornecedor de segurança e as possíveis conseqüências durante a vida, denominada como TEORIA DO APEGO.

Sua elaboração foi baseada em relatos e observações a partir da vinculação mãe-bebê. Essa experiência evidenciou algo diferente do que se era pensado na época. Entendia-se que o motivo pelo qual uma criança tinha um vínculo com sua mãe era somente pelo fato de que esta supria a necessidade de alimentação, portanto mantendo assim um laço de dependência. Mas Bowlby queria esclarecer como isso afetava o desenvolvimento da personalidade, como a privação ou cuidado materno inadequado refletiria no futuro.

A partir de então, estabelece que certos comportamentos advindos de bebês serviam como fator para aproximação do cuidador, o que posteriormente definiu “ comportamento de apego” , que visa a proximidade de um outro ser que apresenta segurança. (LANTZMAN).

O apego é um estado interno demonstrado através dos comportamentos de apego, estes podem ser referidos á diferentes indivíduos, porém o vínculo efetivo é destinado à pequena parte. (RAMIRES; SCHNEIDER, 2010).

O conceito de apego na vida humana representa que uma figura específica está configurada à proporcionar segurança a outro indivíduo, formando um vínculo.

Este vínculo vai se relacionar ao desenvolvimento da cognição e estado emocional do ser. Baseado nessa idéia esclarece que os primeiros vínculos instalados desde a infância irão perdurar na forma de apego na vida adulta. (DALBEM; DALBOSCO, 2005).

Através de experiências, autores envolvidos neste tema classificaram os vínculos afetivos em três categorias: seguro, esquivante e resistente / ambivalente. A primeira se baseia na confiança estabelecida pelo cuidador através da responsividade rápida, observa-se na infância, onde o cuidador está sempre pronto à solicitação da criança, transmitindo-a proteção. Esta forma proporciona capacitação para enfrentamento das variadas situações a qual será exposta. O segundo vínculo é demonstrado por insegurança. O cuidador se mostra insensível ou indisponível. No vínculo ambivalente, há receio sobre a disponibilidade do cuidador, melhor explicando, medo de que esse possa se afastar; essa categoria evidencia um possível grau de dependência, o que afeta as decisões e explorações futuras. (FERREIRA; PINHO, 2009)

A teoria do apego propõe que uma vinculação segura auxilia no desenvolvimento da flexibilidade das crianças, fazendo-as capazes às novas adaptações. De acordo com Zamberlan (2002): “É importante para a criança desenvolver sistemas comportamentais flexíveis, de modo à adaptar-se facilmente à novas situações, incluindo demandas de contato com locais e outros adultos estranhos”. Considera-se ainda uma forma de prevenção à problemas sociais, psicológicos e cognitivos na infância.

Na gestação já se observa o florescer dos sentimentos maternos em relação ao bebê, ora caracterizado por ambivalência. As percepções dos movimentos fetais encontram-se presentes, há uma ansiedade em saber como será o filho, de outro lado ocorre sensação de medo do que possa acontecer. Silva et al. (2006) expressa: “há o temor de ter um filho disforme; o medo de morrer no parto ou a angústia do corpo disforme e o medo de que ele assim permaneça”. Os sentimentos passam a ser somados ao decorrer da gestação junto às alterações fisiológicas, a mudança do peso, as contrações e todas as outras mudanças que exigem novas adaptações, gerando situações de conflito. Esse período deve receber grande acompanhamento, para que esses conflitos não sejam transferidos para a chegada da criança, levando à necessidade de grande preparo dos profissionais e pessoas envolvidas.

A ativação do mecanismo de apego se inicia nos primeiros anos de vida, com as primeiras figuras de contato. Tal concepção favorece o funcionamento interno que norteará a criança em posteriores relações. Originalmente, de acordo com a psicanálise, a vinculação se estabelecia por meio de características como: saciação das necessidades, gerando certo vínculo; contato durante o aleitamento materno e o contato do recém nascido com o ser humano; mas Bowlby estabelece que a formação do vínculo não está direcionado apenas ao suprimento das necessidades fisiológicas, mas também ao fato explicado pela busca de proximidade pela mãe ou cuidador frente à situações estressantes. Através de experiências realizadas com animais, pesquisadores evidenciaram que a busca da aproximação realmente não se restringia ao fornecimento de alimento, por exemplo, e sim à proporção de conforto. Outros estudos ainda realizados com algumas crianças demonstraram que mesmo estas estando ocupadas com certas atividades tendem a se distraírem à procura pela mãe durante certos períodos ou quando ficavam expostas à longos distanciamentos se regressavam o mais próximo. (ABREU, 2005).

Porém é importante destacar principais dificuldades encontradas na formação do vínculo. Algumas pesquisas se dispuseram à considerar problemas enfrentados por mães onde o apego não podia ser completo. Nardi et al. (2015) estabelecem que há grande resistência de relacionamento de mães com bebês que nasceram com algum tipo de problema que requer hospitalização, que exijam maior cuidado e atenção. Segundo seus estudos, observa-se exacerbação de ansiedade e estresse, demonstrados quando em contato com o filho, o que pode desencadear uma baixa sensibilidade.

Observou ainda que mães que mantinham maior entrosamento com o bebê tendiam a ter resposta também positiva deste. Por outro lado mães com grande nível de apreensão e resistência eram respondidas pelo choro e desespero. Ao considerar tais aspectos, entende-se que as condições psicológicas maternas se refletem na criança e o despreparo da mãe frente à situações especiais, de grande intensidade, dificulta a formação da vinculação afetiva.

Normalmente os pais esperam um curso gestacional saudável e posteriormente um parto seguro, um bebê fisiologicamente sadio. Mas muitas vezes se deparam com condições que irão modificar o tipo de cuidado. Uma hospitalização influencia muito no contato da mãe com o filho, pois este é privado de certa forma de cuidado materno integral. Embora atualmente prezar-se pela maior participação

materna mesmo nas Unidades de Terapia Intensiva, há evasão de sentimentos amedrontados, de grande tensão, de sentimentos dolorosos no momento da separação. Portanto, é indispensável o fortalecimento e o incentivo à essas mães, para que sejam minimizados os medos e angústias, de forma a prevenir uma vinculação desfavorável. Quanto mais precoce iniciar o contato melhor será a relação. (SÁ-NETO, 2016)

Em um estudo Rosa et al. (2010), observaram as diferentes sensações experimentadas por mulheres nos diferentes momentos do parto e evidenciaram a grande transição com a chegada do filho, uma interpretação do novo ser que antes apenas era imaginário, constatando-se o processo de aproximação. Destaca – se o momento onde logo após o nascimento, as mães se mostram ansiosas para ficar com seus filhos, para vê-los, uma preocupação em relação às características que são peculiares do recém-nascido. Evidencia-se também a insegurança e fragilidade desencadeada pela figura materna em momento onde é distanciada de seu filho, onde este necessita de procedimentos, não somente a mãe, mas a criança também sente a separação, embora certos procedimentos ao recém-nascido serem essenciais, uma separação pode prejudicar o estabelecimento do apego, prejudicando o vínculo.

Pontes et al. (2007), observaram em seus estudos, que o vínculo e apego seguro são bases do desenvolvimento de características positivas na criança, com menor tendência ao estresse. Referem que a boa relação entre os pais, com boas trocas afetivas, assim como a disponibilidade do cuidado e sensibilidade propiciam para que a criança seja emocionalmente segura.

Quando considerado pelo lado da problematização quanto à vinculação afetiva, Siqueira; Andriatte (2001) propuseram um estudo relativo às vinculações afetivas de crianças abrigadas em instituições, notando-se que mesmo com as visitas dos pais por algumas vezes, as crianças apresentavam repúdio e distanciamento, sendo falha a condição afetiva principalmente naqueles casos provenientes de abandono e de más situações familiares, também não havia incentivo afetivo por parte das instituições. Compreende-se que o afastamento afetivo é prejudicial ao desenvolvimento da criança, acarretando comprometimento psicológico, emocional e afetivo.

Percebe-se que todas as sensações estão diretamente ligadas ao desenvolvimento do vínculo afetivo e por conseqüência a enfermagem desempenha

especial função por estar em contato com a mulher e a criança, exigindo atenção ao que pode desfavorecer a formação do vínculo, considerando a importância da saúde mental da mulher para o desenvolvimento da criança. Baseado nessas idéias destaca-se ainda o treinamento dos profissionais para prestação de uma boa assistência, garantindo o desenvolvimento do apego saudável. (MENDES; GALDEANO, 2006).

Uma das recomendações da Organização Mundial da Saúde e da UNICEF é que as mães que tiverem parto normal, sem complicações, devem receber seus filhos para segurarem junto ao peito, na primeira meia hora após o nascimento por, no mínimo, 30 minutos, em contato pele a pele, iniciando o vínculo entre o binômio e propiciando que a primeira mamada ocorra, implementando, assim, o quarto passo para o sucesso do aleitamento materno. O papel desempenhado pelo profissional de saúde neste contexto é primordial. Ele deve ser um elemento facilitador e de aproximação desta interação, favorecendo o vínculo mãe/bebê, e aqui acrescentamos o pai, logo após o nascimento.

O Ministério da Saúde (MS) brasileiro, a Rede pela Humanização do Parto e Nascimento (REHUNA), a Associação Brasileira de Obstetras e Enfermeiros Obstetras (ABENFO), profissionais de saúde e grupos e associações de mulheres, Preocupados com a promoção precoce do vínculo mãe/pai/recém-nascido, vem discutindo e trabalhando em prol de uma filosofia de assistência ao processo do nascimento, denominada humanização do parto e nascimento e que possui, dentre seus pressupostos, a preocupação essencial de receber bem o recém-nascido.

Teixeira, 2009 afirma que a vertente humanizadora de assistência ao parto e nascimento, preconiza que os profissionais devem estimular a aproximação entre a mãe, o pai e o bebê, no pós-parto imediato, realizando os cuidados de maneira que este momento seja favorecido e respeitado. Por outro lado, alguns autores, referem que os profissionais de saúde consideram que o centro obstétrico apresenta condições favoráveis como agente facilitador na implementação da prática do contato corporal precoce, mas descartam a possibilidade de sua concretização enquanto a puérpera estiver na sala de parto aguardando a conclusão dos procedimentos pós-parto.

O contato precoce entre mãe/pai/recém-nascido logo após o parto facilita a formação do vínculo, no entanto, depende do reconhecimento de seu valor e do

envolvimento e esforço da equipe que atua no centro obstétrico para sua implementação. Neste sentido, acreditamos que a enfermeira obstétrica e neonatal, como membro da equipe de saúde que atende o parto, tem a responsabilidade, em conjunto com os outros profissionais, de propiciar condições para que o vínculo entre mãe/pai/recém-nascido possa ser concretizado e fortalecido desde a primeira hora de vida. Suas ações devem estar em conformidade com a proposta de humanização do parto e nascimento, sendo facilitadora da aproximação entre o trinômio, contribuindo para a formação do apego. (DINIZ,2002).

Pode-se afirmar que os profissionais da saúde não existem uma forma de aproximação entre mãe e bebê mais importante, todas as formas têm seu grau de importância e geralmente acontecem simultaneamente. Então, para que isso aconteça é necessário que as instituições de saúde estejam em consonância com as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) que propõe contato cutâneo direto precoce entre mãe e filho e apoio ao início da amamentação na primeira hora após o parto. Não basta os profissionais de saúde afirmarem que as interações são importantes, eles precisam se mostrar engajados e dispostos a proporcionar este contato.

Incentivar a participação do pai no momento do nascimento, o primeiro contato do recém-nascido com o colo da mãe na sala de parto e o aleitamento materno prazeroso para mãe e bebê são algumas das ações que promovem e fortalecem interação entre o trinômio e que devem ser priorizadas pela equipe de saúde que atende na sala de parto. Ao priorizar esses procedimentos, o profissional contribuirá na promoção da saúde física da criança e no seu desenvolvimento psicomotor e social.

Um bom apego junto com uma amamentação efetiva é determinante para um vínculo efetivo e uma excelente saúde física e emocional da criança no futuro, incluindo um melhor coeficiente intelectual.

Pode-se considerar que papel desempenhado pelo enfermeiro, visto ser este, o profissional que está mais próximo da mulher e da família na sala de parto e, na maioria das vezes é o enfermeiro quem estimula a formação do vínculo entre mãe e recém-nascido, colocando a criança em contato pele-a-pele com sua mãe, estimulando-a para o toque e para iniciar a amamentação ainda na sala de parto e introduz o pai nos cuidados prestados. Isto ocorre possivelmente devido a sua

formação voltada para um cuidado respaldado nos aspectos fisiológicos, emocionais e sócio-culturais.

De acordo com Dias, 2006, alguns profissionais médicos, na maioria das vezes não incorporam na sua rotina, os elementos da proposta de humanização do parto e nascimento. Pelas pesquisas percebe-se que esse profissionais permanecem pouco tempo com suas pacientes e talvez não adequam seu tempo à necessidade da humanização no pós parto .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo o autor Torres, (2010) uma vez que se inicia a relação entre mãe e filho no momento da concepção, torna-se indispensável um acompanhamento pré-natal adequado para a gestante. A atuação da equipe de enfermagem de modo humanizado propicia o estreitamento dos laços afetivos entre mãe/RN. Dessa forma, concluiu-se como de fundamental importância a assistência pré-natal, havendo a atuação diferenciada da equipe de enfermagem a fim de inserir a gestante nos programas de humanização bem como propiciar o aparecimento das demandas emocionais, esclarecendo dúvidas e apoiando emocionalmente as gestantes e puérperas atuando assim na promoção do apego entre o binômio mãe-filho.

O papel da equipe de saúde na formação do vínculo entre mãe-pai-RN na sala de parto é muito importante, ou seja num primeiro momento após o nascimento. pois é a equipe que auxilia e orienta no contato precoce. O estudo evidenciou que os profissionais da saúde, na sua maioria, estão sensibilizados sobre a importância do estabelecimento deste contato e do envolvimento do pai no processo. Infelizmente, alguns profissionais ainda se mostram resistentes à presença do pai, avaliando que o mesmo não se encontra preparado, ou que algumas vezes atrapalha na prestação dos cuidados. O enfermeiro deve-se destacar como o profissional que mais estimula a interação entre o trinômio.

A responsabilidade da equipe frente a esta prática deve ser discutida, integrada e respaldada por todos os seus integrantes, seja por meio de discussões formais ou educação continuada. Muitos são os desafios que se colocam para as instituições, gerentes e profissionais de saúde que trabalham em prol do nascimento, no sentido de transformar a sala de parto em um ambiente favorável para as trocas afetivas e estabelecimento do vínculo precoce.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Cristiano Nabuco de. A teoria da vinculação e a prática da psicoterapia cognitiva. **Rev. bras. ter. cogn.** [online]. 2005, vol.1, n.2 [citado 2018-09-03], pp.43-58 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872005000200005&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1982-3746.
- BORSA, J. C. Considerações acerca da relação mãe-bebê da gestação ao puerpério. **Contemporânea- Psicanálise e Transdisciplinaridade**. Porto Alegre, n. 02, Abr./Mai./Jun. 2007.
- DALBEM, J. X; DALBOSCO, D. D. Teoria do Apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p.12-24, 2005.
- DIAS, M. A. B. **Humanização da assistência ao parto**: conceitos, lógicas e práticas no cotidiano de uma maternidade pública. Tese (Doutorado), Departamento de Graduação em Saúde da Mulher e da Criança, IFF/ FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2006.
- FERREIRA, F; PINHO, P. Psicanálise e Teoria da Vinculação. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0160.pdf>. Acesso em: 07 de Abril de 2018.
- LANTZMAN, Mauro. **O Apego**. Ano, local e edição desconhecidos.
- MENDES, A.P.D; GALDEANO, L. E. Percepção dos enfermeiros quanto aos fatores de risco para vínculo mãe-bebê prejudicado. **Ciência, Cuidado e Saúde**. Maringá, v.5, n.3, p.363-371, set./dez. 2006.
- NARDI, C. G. A. et al. Bebês com sequência de Pierre Robin: saúde mental materna e interação mãe-bebê. **Estudos da Psicologia**. Campinas, v. 32, n. 1, p. 129-140, 2015.
- RAMIRES, V. R.R; SCHNEIDER, M.S. Revisitando alguns Conceitos da Teoria do Apego: Comportamento versus Representação. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Universidade do Vale dos Sinos, Porto Alegre, v.26, n.1, p. 25-33, jan-mar 2010.
- RIBAS, A. F.P; SEIDL DE MOURA, M.L. Responsividade materna e teoria do apego: uma discussão crítica do papel dos estudos transculturais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.17, n.3, p.315-322, 2004.
- ROECKER, S. et al. Binômio mãe-filho sustentado na Teoria do apego: significados e percepções sobre centro de educação infantil. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v.20, n.1, p.27-32, jan./mar. 2012.
- ROSA, R. et al. Mãe e filho: os primeiros laços de aproximação. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v.14, n.1,p.105-112, mar. 2010.
- SÁ NETO, José Antonio de. Mães e bebês: a formação do apego num contexto de hospitalização. **Academus Revista Científica da Saúde**, [S.l.], v. 2, n. 3, fev. 2016.

ISSN 1806-9495. Disponível em: <<https://smsrio.org/revista/index.php/revista/article/view/65>>. Acesso em: 04 set. 2018.

SEIDL DE MOURA, M.L et al. Interações mãe-bebê de um a cinco meses: aspectos afetivos, complexidade e sistemas parenterais predominantes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.21, n.1, p.105-112, mar. 2010.

SILVA, L.R et al. A importância da interação mãe-bebê no desenvolvimento infantil: a atuação da enfermagem materno-infantil. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 606-612, out./dez. 2006.

SIQUEIRA, L. A.; ANDRIATTE, A. M. Um estudo observacional sobre o vínculo afetivo de bebês abrigados em instituições. **Boletim de Iniciação Científica em Psicologia**, v.2, n. p. 8-25, 2001.

TORRES, C. V. APEGO E INSTITUCIONALIZAÇÃO. International Journal of Developmental and Educational Psychology [en linea] 2014, 1 [Fecha de consulta: 3 de septiembre de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=349851780002>> ISSN 0214-9877 .

ZAMBERLAN, Maria Aparecida Trevisan. Interação mãe-criança: enfoques teóricos e implicações decorrentes de estudos empíricos. *Estud. psicol. (Natal)* [online]. 2002, vol.7, n.2, pp.399-406. ISSN 1678-4669. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200021>.